



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

A MUSICALIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN NO PROGRAMA CORDAS DA AMAZÔNIA

MUSICALIZATION OF CHILDREN WITH DOWN SYNDROME IN THE PROGRAM AMAZONIAN ROPES

Antônio de Pádua Araújo Batista
UFPA

Silvana Pereira da Cruz

RESUMO: Trabalho resultante da pesquisa intitulada “Síndrome de Down no Programa Cordas da Amazônia: educação musical por meio do violino”, cujo objetivo foi compreender o processo de ensino musical voltado a estudantes do programa, onde se averiguou a relação da educação musical com a Síndrome de Down, a metodologia proposta e os benefícios e contribuições alcançados. Para obtenção dos dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o Coordenador Geral, um bolsista e um cuidador, com os resultados sendo analisados e apresentados de forma interpretativa a partir das informações coletadas. Os benefícios e contribuições identificados perpassam pelo ensino coletivo, pela capacitação de professores e pela educação musical relacionada a psicomotricidade, dando grande importância à participação da família no processo de ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Educação musical; Educação inclusiva; Ensino coletivo.

ABSTRACT: Work resulting from the research entitled “Down Syndrome in the Cordas da Amazônia Program: musical education through the violin”, whose objective was to understand the musical teaching process aimed at students of the program, where the relationship between musical education and the Syndrome of Down, the proposed methodology and the benefits and contributions achieved. In order to obtain the data, semi-structured interviews were conducted with the General Coordinator, a fellow and a caregiver, with the results being analyzed and presented in an interpretative way from the information collected. The benefits and contributions identified include collective teaching, teacher training and music education related to psychomotricity, giving great importance to the participation of the family in the teaching-learning process.

KEYWORDS: Musical education; Inclusive education; Collective teaching.

Introdução

O olhar da sociedade, somado aos estudos e pesquisas voltados às pessoas com deficiência, tem se ressignificado ao longo da história, onde o progresso da medicina e da psicologia, bem como o crescente movimento de iniciativas pedagógicas voltadas a este público, vêm contribuindo de forma significativa neste processo. Foi



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

no século XX, com a aprovação da Lei 94.142/75 que trata da Educação Inclusiva no Brasil, ocorrida no ano de 1975, que essa questão começou a ganhar força.

No escopo da Educação Inclusiva encontra-se a Síndrome de Down (SD), que é considerada uma característica genética das mais habituais em humanos, com seu índice se equivalendo a um entre 600 a 800 nascidos. Esta síndrome foi caracterizada pelo médico inglês John Langdon Down, em 1864, quando o mesmo lhe deu a denominação de “mongolismo”, pelo fato de este grupo de pessoas apresentarem semelhança facial com as pessoas de etnia mongol.

Alguns autores como Ravagnani (2009), Augusto (2010) e Pires (2012), dentre outros, têm se debruçado sobre as pesquisas que utilizam a música como recurso no processo de aprendizagem de pessoas com Síndrome de Down (SD). Entre os mesmos destaca-se Leme (2000), ao afirmar que a mesma funciona como elemento auxiliar no seu desenvolvimento geral, além de Silva (2007), cuja teoria defende que é possível que metodologias e usos da música sejam adaptativas a todos os graus e especificidades da síndrome, abrindo espaço assim para a intervenção junto à limitação psicomotora que, segundo este autor, é a mais presente no indivíduo com Síndrome de Down (SD).

O presente trabalho está voltado à verificação da metodologia aplicada junta às crianças com SD, tendo por base de referência os avanços metodológicos alcançados pelo Programa Cordas da Amazônia – PCA através do ensino coletivo direcionado a outros transtornos como Dislexia e TDAH, que são aplicadas de forma adaptativa para o estudante com SD, não levando em consideração suas especificidades. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas e observação e, a partir disso, foram considerados seus resultados e comparados aos estudos desenvolvidos sobre a síndrome, identificando assim seus benefícios e contribuições.

O objetivo geral do pesquisador foi “compreender o processo de iniciação musical através do ensino coletivo de violino voltado a estudantes com Síndrome de Down no Programa Cordas da Amazônia”. Os objetivos específicos são “Averiguar a relação da educação musical com a Síndrome de Down”, “Verificar a metodologia de



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

iniciação musical proposta pelo Programa Cordas da Amazônia e sua adaptação acrianças com Síndrome de Down” e “Identificar quais os benefícios e contribuições da metodologia de iniciação musical aplicada pelo Programa Cordas da Amazônia a crianças com Síndrome de Down através do ensino coletivo de violino.

O Programa Cordas da Amazônia

O Programa Cordas da Amazônia (PCA) teve seu início através do ensino coletivo de violoncelo para crianças típicas (sem transtorno aparente ou diagnóstico). Com a grande procura por vagas, foi verificada a necessidade de se estender o atendimento a crianças que apresentavam alguns tipos específicos de transtornos como Dislexia e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), surgindo a partir daí a necessidade de estender o alcance do projeto de forma a abraçar a Educação Inclusiva.

Com a nova realidade presente nas ações do PCA, o corpo pedagógico deste estendeu sua abrangência para outros transtornos, como a Síndrome de Down, que anteriormente era abordada somente através da iniciação musical com instrumentos percussivos. Partindo dos resultados alcançados, foi criada uma turma específica para iniciação musical através do ensino coletivo do violino. Criou-se assim uma turma composta por alunos típicos (sem transtornos) e atípicos (com transtornos), sendo neste caso a Síndrome de Down.

Esta pesquisadora participou do projeto na condição de bolsista para o ensino de violino e viola voltado a crianças com dificuldade de aprendizagem em um polo do Emaús situado no bairro do Benguí, sendo em seguida realocada para o Laboratório de Percussão do PCA na Escola de Música da UFPA - EMUFPA. Atualmente participa como voluntária no laboratório de ensino coletivo de violino para crianças com Autismo e Síndrome de Down dentro do Grupo de Pesquisa “Transtorno do Desenvolvimento e Déficit de Aprendizagem”.

Os trabalhos desenvolvidos dentro do PCA com Síndrome de Down ainda são recentes, o que resultou até o momento em poucas pesquisas. As metodologias, ou práticas pedagógicas desenvolvidas anteriormente para outros transtornos, como o



TDAH e Dislexia, continuam sendo replicadas com a Síndrome de Down, o que torna sua eficiência questionável devido às especificidades de cada transtorno. Assim, tais metodologias podem não ser as mais adequadas para lidar com a musicalização de sujeitos com Síndrome de Down. Outro fator que se considera de grande relevância é o curto período de intervenção previsto para lidar com o transtorno aqui pesquisado.

Mediante o que foi exposto acima, foi dado início a esta pesquisa partindo da seguinte pergunta: Em quais pontos as metodologias desenvolvidas pelo Programa Cordas da Amazônia - PCA colaboram para a iniciação musical através do violino voltada para crianças com Síndrome de Down?

A Síndrome de Down e suas especificidades

Segundo Leme (2000), O valor da música para uma criança com deficiência reside no fato dela poder ser tratada como uma matéria não acadêmica em diferentes níveis de inteligência. Deveríamos considerar a música como uma ajuda para o seu desenvolvimento geral e não em termos de logro musical. Os métodos e usos da música podem ser adaptados a todos os graus de deficiência. É possível ensinar para uma criança com nível mental baixo, e utilizar a habilidade mental que possui a criança deficiente, por precária que ela seja.

Embora a música possa estimulá-la como escuta, fazer música é mais estimulante para fins imediatos. Nesse caso está fazendo algo: cantando, tocando um instrumento, movimentando-se ao compasso da música. O canto é um meio para alcançar a integração da criança deficiente dentro de um grupo. A maioria pode aprender canções por imitação e repetição. A criança deficiente aprende através de persistente repetição. O inconveniente destes métodos repetitivos aplicados à música é que favorecem a monotonia e suprimem o esforço mental. Os métodos repetitivos aplicados à música podem ser muito variados, não necessitando ser monótonos. A mesma melodia pode ser usada outra vez com distintas palavras ou a diferentes tempos ou com diferentes intensidades. A criança lhe agrada a familiaridade do esquema básico, mas tem que prestar atenção a qualquer mudança ou agregado que se faça. A música também pode dar sentido a sons simples ou a sílabas repetidas uma e outra vez para melhorar e corrigir a pronúncia. A repetição de uma única sílaba, não tem sentido por se mesma. Não tem movimento e não conduz a nada. Mas quando se agrega um acompanhamento musical que coloca ao som dentro de uma sucessão de relações



melódicas ou rítmicas com a parte de piano ou violão, a sílaba perde a sensação de vazio, adquire sentido, e ainda um sentido emotivo. Em muitas canções podemos encontrar ou introduzir palavras monótonas, repetidas que são parte de um todo e que resultam verdadeiramente atraentes. A voz humana é um instrumento natural e o canto é uma ação espontânea. Mas o cantar requer de certa consciência e controle físico (ALVIN, J., 1965, p. 99 a 103).

Segundo Ravagnani (2009), a Síndrome de Down é considerada a doença genética mais frequente em humanos, seu índice equivale a um entre 600 a 800 nascidos. Caracterizada pelo médico inglês John Langdon Down, em 1864, este lhe deu a caracterização de “mongolismo”, pelo fato de este grupo de pessoas apresentarem semelhança facial com as pessoas de etnia mongol. Desde esta época, a Síndrome de Down vem sendo constantemente pesquisada e suas características informadas, cada vez mais cedo, à família de quem a possui. Segundo Augusto (2011):

O melhor momento para se iniciar a estimulação com um portador desta síndrome é logo após o nascimento; nesse momento já há indícios de que o bebê será portador da síndrome de Down e, portanto, o perinatologista já pode fazer um diagnóstico prescritivo. Na síndrome de Down, esta estimulação deve começar cedo, envolvendo sempre as mães, porque elas serão responsáveis pela continuação da estimulação. (AUGUSTO, 2011, p.16).

Segundo Fonseca (1995) devemos entender que é possível mudar a estrutura cognitiva da criança com Down. Por definição, não há nem pode haver deficientes ineducáveis. Por efeitos da educação e da estimulação precoces, podemos transformar o deficiente em um ser autônomo, independente e capaz de aprendizagem e elaboração ideacional. Aprender a aprender é possível também nos deficientes. Por mais condições adversas que se levantem, o organismo humano é um sistema aberto e sistêmico e, como tal, a inteligência só pode ser concebida como um processo interacional, flexível, plástico, dinâmico e autorregulado (FONSECA, 1995, p.73).

Qualquer criança, deficiente ou normal ou com dificuldades de aprendizagem pode atingir um nível mais avançado do que o seu funcionamento cognitivo atual pode prever. Porém a educação de uma criança com necessidades especiais deve começar após o seu nascimento. Não se pode perder tempo, é preciso ver o problema, e intervir. A intervenção precoce é muito importante, pois dessa forma mais facilmente se podem promover oportunidades e situações de



crescimento e desenvolvimento harmonioso (FONSECA,1995, p.97-98).

O primeiro passo se deve à família, ela tem seu papel extremamente relevante pelo desenvolvimento da criança. Com esse encargo, a família deve andar lado a lado com a escola, sendo aliadas para o desenvolvimento do aluno.

O estudo levou em consideração as especificidades mais significativas da Síndrome de Down (SD), focando principalmente no seu desenvolvimento psicomotor, que se apresenta de forma bastante evidente. Segundo Silva (2007) o desenvolvimento cognitivo, motor e psicológico das crianças com SD manifestam-se de forma mais lenta e precisará de acompanhamento e de estímulos que facilitarão o seu desempenho. Nesse contexto, a música surge como uma grande aliada à Psicomotricidade, tornando-se uma ferramenta eficaz no enfrentamento e atenuação dos obstáculos que se impõem ao desenvolvimento psicomotor da criança PCD.

Outra especificidade do SD é que tais indivíduos têm mais facilidade em aprender a ler visualmente do que por meio do processamento de relações letra-som das palavras. Segundo relatos em pesquisas, o conhecimento do nome das letras estimula as crianças típicas a desenvolverem a leitura por meio do processamento e da memorização das relações letra-som nas palavras. A hipótese levantada por pesquisadores, porém, é a de que, diferentemente disso, os indivíduos com SD baseiam-se nas suas habilidades visuais e espaciais no desenvolvimento da sua leitura.

Este estudo buscou avaliar as metodologias direcionadas à Dislexia e ao TDAH e sua utilização em caráter adaptativo aplicadas pelo PCA na iniciação musical de crianças com Síndrome de Down (SD), através do ensino coletivo de violino, analisando-as e comparando-as com a visão de outros teóricos. Portanto, o mesmo justifica-se por considerar a necessidade da adaptação das metodologias citadas às especificidades da SD, de forma a fornecer embasamento teórico a futuras pesquisas nesta área, através dos aspectos aqui observados e dos resultados alcançados.

Educação Inclusiva



O que caracteriza a educação inclusiva é o entendimento de que todo o indivíduo tenha a mesma oportunidade de acesso, estabilidade e aproveitamento na escola, em relação às suas práticas pedagógicas e psicopedagógicas, isto independente de qualquer característica específica que o aluno possua, propondo atividades de aprendizagem onde cada educando tenha como validação seus objetivos alcançados em seu próprio ritmo de aprendizagem.

Segundo Cardoso (2008), assim como temos consciência que determinadas crianças aprendem mais rapidamente do que outras, também sabemos que algumas aprendem em um ritmo mais lento que seus companheiros da mesma idade e que, conseqüentemente, têm dificuldade em se adaptar a algumas demandas da sociedade.

Fonseca (1995) nos coloca frente ao seguinte pensamento:

Um ritmo e uma atipicidade de desenvolvimento e de maturação, que se verificam evoluções conceituais mal controladas, além de problemas de atenção seletiva e de auto regulação de condutas, em que o meio joga um papel fundamental, aceitando ou rejeitando comportamentos adaptativos, que são ou não normalizados ou padronizados. Nos dias de hoje, o direito de ser diferente é também visto como um direito humano, que passa naturalmente pela análise crítica dos critérios sociais que impõe a reprodução e a preservação de uma sociedade e de uma escola, baseada na lógica da homogeneidade e em normas de rentabilidade e eficácia, que tendem facilmente a marginalizar e a segregar quem não acompanha as exigências e os ritmos sofisticados. O desafio, neste momento, está em garantir a todos a igualdade de oportunidades sociais e educacionais. Elevando ao máximo possível o potencial interindividual e promovendo, conseqüentemente, a integração social de todos os cidadãos, sem exceção (FONSECA, 1995, p.44).

A educação inclusiva tem como objetivo principal propiciar a ampliação do acesso dos alunos com necessidades especiais em turmas comuns, dando suporte técnico aos professores, fazendo com que eles estabeleçam formas criativas de ensino, além de mostrar que as crianças podem aprender juntas, mesmo com objetivos e processos diferentes.

Estudando o Caso



Para a realização do presente trabalho escolheu-se quanto à modalidade de estudo o Estudo de Caso, pelo fato de caracterizar-se pelo estudo profundo e extenuante dos objetos específicos de investigação, permitindo um amplo conhecimento da realidade e do elemento pesquisado.

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. (YIN, 2001, p. 33).

Quanto ao objetivo, caracteriza-se por pesquisa exploratória, quanto à natureza, qualitativa. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se a entrevista, o questionário, a observação, a pesquisa documental e bibliográfica. A análise dos dados foi realizada pela análise de conteúdo. Foram destacados os seguintes pontos a fim de pormenorizar a pesquisa.

O local de realização da pesquisa e coleta de dados foi o laboratório de aprendizagem musical situado no prédio do Programa de Pós-Graduação de Artes da Universidade Federal do Pará (PPGARTES/UFGPA), com a participação de 3 pessoas entrevistadas, as quais foram o coordenador geral do PCA, um bolsista do projeto, discente do curso de Licenciatura em Música da UFGPA e um cuidador de aluno com SD participante do projeto.

Como procedimentos éticos foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ao cuidador do estudante informando sobre os objetivos da pesquisa e demais esclarecimentos necessários.

Foram realizadas observações e entrevistas com o intuito de buscar captar informações que auxiliem no desenvolvimento e compreensão desta pesquisa, sendo:

- Observação dos relatórios diários;
- Entrevista com um bolsista participante da pesquisa; e
- Entrevista com um responsável de estudante participante das aulas de violino em grupo no PCA.



Os relatórios foram realizados durante as aulas que ocorreram no primeiro semestre de 2016, no prédio do PPGARTES, por meio de observação das aulas de forma participante, onde a realizadora da pesquisa atuava como bolsista do Projeto.

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar (LAKATOS e MARCONI, 2003, p 190).

Sobre a observação de forma participante Lakatos e Marconi (2003. P. 193) acrescenta que “Consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste”.

As entrevistas funcionaram de forma estruturada, de modo que “todas elas sejam comparadas com o mesmo conjunto de perguntas, e que as diferenças devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferenças nas perguntas” (LAKATOS & MARCONI, 2003. p. 196).

A Proposta Metodológica do Programa e suas conquistas

Na proposta metodológica abordada pelo PCA, foram identificados benefícios e contribuições que perpassam o ensino coletivo, a capacitação de professores, a educação musical relacionada a psicomotricidade e a importância da família no processo de aprendizagem.

O ensino coletivo é aspecto característico da metodologia do PCA. Contudo, foi observada a necessidade destes estudantes serem atendidos em suas individualidades e necessidades dentro do grupo (AUGUSTO, 2011; CARDOSO, 2008). Como benefícios e contribuições desta prática metodológica encontram-se a estimulação, imitação, a interação do grupo, compreensão e socialização do aprendizado e a motivação (BRITO, 2012; CRUVINEL, 2004).

A capacitação dos professores é outro aspecto importante que se destaca na metodologia do PCA. Segundo o coordenador geral do projeto, as práticas de ensino no PCA são treinamentos dos professores “[...] para lidarem com pessoas com



deficiência e sem deficiência, ou seja, aprendem a ser professores eficazes por intermédio de nossos laboratórios (ENTREVISTA COORDENADOR GERAL, 12/11/2017). Este aspecto corrobora com o que revela Cardoso (2008) ao afirmar que “todos os professores devem ser capacitados a desenvolver ferramentas para atender as especificidades educacionais de cada criança, conhecendo seus comportamentos e dificuldades, sendo mais específico ainda em crianças com algum tipo de deficiência”.

A educação musical relacionada à psicomotricidade é outro ponto fundamental na metodologia do projeto, já que o indivíduo com Síndrome de Down precisa de metodologias específicas para seu desenvolvimento cognitivo, psicológico e motor, pois o aprendizado nessas áreas se mantém mais lento, precisando de estímulos e acompanhamentos exclusivos (BRITO, 2012), logo, o ensino musical aliado à psicomotricidade torna-se ferramenta importante no desenvolvimento corporal da criança com Síndrome de Down, firmando um caminho para a socialização e um desempenho global saudável (FERREIRA E RUBIO, 2012).

Percebeu-se também que a escola e a família são instituições aliadas, parceiras no processo de aprendizagem da criança. Se um lado falhar, o processo é prejudicado, devido à importância de cada lado (MENDES E SEIXAS, 2003). São de caráter essencial o objetivo e interesse dos atuantes, já que essa educação é formada por um espaço social adequado, todos inseridos em um plano incentivador e estruturado (BOURDIEU, 1979).

Conclusões

Por meio desta pesquisa, foi possível identificar alguns benefícios e contribuições da metodologia de Educação Musical, conforme tratado no tópico anterior, desenvolvida no Programa Cordas da Amazônia, para os estudantes com Síndrome de Down, dentre os quais, quatro se destacam pela sua reconhecida importância no aprendizado musical dos PCD's, que são: 1) O **ensino coletivo**, onde ocorre a socialização da criança, favorecendo sua assimilação dos conteúdos por intermédio do estímulo das demais pessoas pertencentes ao grupo. 2) A **capacitação dos professores**, pois seria inadmissível a presença em sala de aula deste profissional,



sem que este tenha a competência necessária para a identificação das características e dificuldades de aprendizagem, não só das crianças PCD's. mas de cada aluno envolvido. 3) A **música aliada à psicomotricidade**, considerando que, por mais que a criança com SD possua certa individualidade, seu desenvolvimento psicomotor deve ser continuamente estimulado e, este, é um processo que requer metodologias específicas, visando alcançar resultados cada vez mais significativos favorecendo todas as demais áreas. 4) A **participação da família no processo de aprendizagem**, pois, ao observarmos que a musicalização ocorre com maior eficiência quando relacionado a estímulos precoces, percebemos que a família da criança com SD, enquanto primeira e principal estrutura social desta, exerce um papel fundamental no seu aprendizado e desenvolvimento musical.

Ficou evidente que o ensino musical por meio do violino voltado a estudantes com Síndrome de Down aplicado no PCA mostrou-se positivo, por terem sido observadas características semelhantes de aprendizado entre os transtornos iniciais pesquisados (autismo, dislexia e TDAH) e a Síndrome de Down, levando em consideração o objetivo proposto pelo projeto, que é a preparação e inserção dos alunos em escolas específicas de educação musical.

Aspectos como melhoria na metodologia aplicada e o acréscimo de recursos didáticos, utilizando um número maior de figuras coloridas (notas, pautas musicais e sinais indicativos presentes na iconografia musical), tornam-se importantes contribuições do Programa, considerando que a criança com Síndrome de Down utiliza suas habilidades visuais e espaciais para ler e aprender, como mostram pesquisas realizadas Ravagnani (2009).

É importante destacar que as intervenções desenvolvidas no PCA têm o foco em pesquisa e não em ensino regular de música. O tempo estabelecido de três meses é determinante para o levantamento de dados e o desenvolvimento novos materiais de pesquisa. O objetivo das intervenções é preparar os alunos para ingressarem em escolas específicas de educação musical, fazendo-os aptos para essa demanda. Logo, é de caráter essencial o esclarecimento aos pais do período estabelecido e dos objetivos propostos.



Esta pesquisa, acreditamos, contribui para aquecer a discussão acerca da educação musical na perspectiva da educação inclusiva voltada a crianças com Síndrome de Down. A continuação da mesma se impõe necessária na busca de condições, adequações e possibilidades de refinamento nas metodologias de ensino musical, que deverão ultrapassar as pesquisas no Programa Cordas da Amazônia, visando alcançar a tantos quantos almejam a oportunidade de uma formação na área da música.

REFERÊNCIAS:

- AUGUSTO, Maria Inês Couto. Musicoterapia e síndrome de Down. São Paulo, 2011.
- BOURDIEU, P. O desencantamento do Mundo. São Paulo. Editora: Perspectiva, 1979.
- BRITO, Joziely Carmo. Ensino coletivo de violino para crianças de cinco anos: um estudo na escola de música da Universidade Federal do Pará. Belém, 2012.
- CARDOSO, Luciana Carvalho. A criança com síndrome de down no ensino regular: como inserir crianças com Síndrome de Down nas classes regulares de educação infantil, no sentido de melhor desenvolver seu potencial cognitivo? Salvador, 2008.
- CRUVINEL, Mirian. Sintomas depressivos, estratégias de aprendizagem e rendimento escolar de alunos do ensino fundamental. Maringá, 2004.
- FERREIRA, L. A. RUBIO, J. de A. S. A contribuição da música no desenvolvimento da Psicomotricidade. São Paulo, 2012.
- FONSECA, Vitor da. Educação Especial: programa de estimulação precoce - uma introdução às idéias de Feuerstein; 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LEME, Maria Silvia Gonzalez M. P. Por uma educação musical especial. Rio de Janeiro, 2000.
- MENDES, José Manoel. SEIXAS, Ana Maria. Escola, desigualdades sociais e democracia: As classes sociais e a questão educativa em Pierre Bourdieu. São Paulo, 2003.
- PIRES, Thatiana Corrêa Ramos; COELHO, Cristina Lúcia Maia; CASTRO, Helena de Castro. O Ensino de Música e o desenvolvimento psicomotor: considerando aspectos importantes para a criança com síndrome de Down. Brasília, 2015.
- RAVAGNANI, Anahi. A educação musical de crianças com Síndrome de Down em um contexto de interação social. Curitiba, 2009.
- SILVA, Fabricia Carneiro. Desenvolvimento Psicomotor de Criança com Síndrome de Down, São Paulo, 2007.
- YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.